

A ESCOLA CENSURADA PELA IDEOLOGIA DO DEVER-SER

Cristiano Escobar Carvalho Bernardes

Mestre pela Universidade de Santa Cruz do Sul e
Professor na Escola Estadual de Educação Básica Borges de Medeiros
cristianoecb@hotmail.com

Márcia Pereira Pedroso

Doutoranda do PPG em Psicologia da PUCRS e
Professora do Curso de Psicologia da ULBRA – Campus Cachoeira do Sul
marcia-pp@hotmail.com

1. Introdução

Descobrir o “X” do problema é desvelar pela lógica, aquilo que se esconde impedindo uma solução. É com o “X” que se assinala a alternativa correta, diferenciando as opções verdadeiras das falsas. O “X” se traveste de elemento resolutivo. É ele que elucida a questão. Desfaz o emaranhado do equívoco: em linguagem bíblica, separa o joio do trigo. A série de reportagens “O X da educação”, no ar no site do jornal Zero Hora, se outorga a missão elucidativa de desvendar o “X” ou ainda, fazer um “raio-X” do problema da indisciplina nas escolas brasileiras como refere o título da reportagem que ganha destaque na página principal da série em questão. A matéria não tem pudor em dividir-se em três subtítulos: “O problema”, “As conseqüências” e “A solução”.

Mas o layout da página da série de reportagens deixa claro o tom do que vem a seguir: no título da série, “O X da educação”, apenas o “X”, não vem em letra cursiva. O “X” vem grafado em vermelho. E, quem quer que já tenha passado por bancos escolares sabe que a vigésima segunda letra do alfabeto da língua portuguesa riscada em vermelho não aponta solução: ressalta o erro. E o faz com os extremos da violência daquele que está assegurado por um saber que lhe garante a condição de superioridade em relação àquele do qual aponta o erro. O saber que se exerce por meio da violência. Ou vice-versa: a ordem dos fatores não altera o produto. O “X” marca o corpo do que não sabe, desconhece outras lógicas que não a sua e, não reconhece o processo do qual o erro faz parte da construção do acerto. Tanto menos que o erro faz parte da desconstrução do certo. O “X” em vermelho não é o “X” do problema, é o “X” que amordaça o problema. O tom da conversa fica claro quando um dos autores de um dos artigos profere a sentença: ***“Valores éticos e morais determinam nossas atitudes e estas garantem que conhecimentos e habilidade serão usados para solucionar problemas e não para criá-los.”***

A intenção do trabalho é quebrar o texto, para que a partir dos cacos dessa fratura fique exposta a forma ou, as formas de como o discurso sobre a educação, no meio de comunicação em questão, se faz capaz de significar. Deste modo não se está interessado em *quem* fala, ou *no que* se fala, mas sim em *como* se fala (ORLANDI, 2005). No caso, como se escreve. Se o discurso opera no campo de um sistema lingüístico, onde se colocam em jogo apropriações e reapropriações da língua pelos locutores, ele está amarrado ao momento e ao lugar onde é proferido: o discurso é relativo, por que os locutores e interlocutores estabelecem um contrato (CERTEAU, 2004). Aquilo o que é dito ou escrito, diz muito de quem escreve, mas também diz muito de quem ouve e de quem lê.

Mais de dois milhões de leitores no Rio Grande do Sul lêem, lêem-se e são lidos nas páginas impressas e virtuais do jornal Zero Hora. O jornal não oferta ao leitor uma maneira de ver o mundo: o tamanho de sua tiragem está diretamente relacionado à sintonia que ele estabelece com o pensamento portado por seus consumidores. Jornal é sintoma.

2. Metodologia

Os artigos e reportagem (quadro abaixo) que perfazem o objeto de estudo deste trabalho não são amostras, nem reflexos. São despontes ínfimos de um modo de pensar as relações educacionais, sociais e de

alteridade que estão arraigadas muito profundamente num ideário com o qual o jornal Zero Hora consegue estabelecer um diálogo sem ruídos e sem equívocos. Falam a mesma língua.

Tabela 1 – Publicações do “O X da Educação” em 2009

TÍTULO DO ARTIGO	DATA	AUTOR
1. Quadro-negro	24/01/2009	Claudia Laitano
2. O que queremos ver na educação?	04/02/2009	Cíntia Murussi Silveira
3. O Xérebro	04/02/2009	Aroldo Medina
4. Do território aos tempos líquidos	06/02/2009	Osvino Toillier
5. Família e escola na questão da indisciplina	14/02/2009	Eloci Gloria de Mello
6. Reinaugurando o papel do educador	16/02/2009	Cleonice Guerra
7. Punição: palavra politicamente incorreta?	18/02/2009	Denise Alves Schwochow
8. O X da educação em três dimensões	20/02/2009	Martim Saraiva Barboza
9. Educação: as marcas da vida	27/02/2009	Manoel Jesus
10. O papel da escola e dos pais	02/03/2009	Carmen Lucia Reichel Lindemeyer
11. O bom professor	06/03/2009	Viviane Salvi Gertge
12. Como formar um marginal?	31/03/2009	Carlos Alberto Barcellos
13. Escola não é redoma	08/04/2009	Osvino Toillier
14. O tapa coletivo nos professores	17/04/2009	Rene Luiz Göellner
15. Raio-x do problema da falta de disciplina nas escolas brasileiras	03/08/2009	Juliana Bublitz, jornalista

Fonte: Confeção dos autores a partir dos dados coletados

A análise do teor dos artigos foi efetuada a partir de três leituras: uma primeira procurando compreender as perspectivas das narrativas de cada autor; uma segunda leitura, de grifos e anotações, destacando no texto as partes consideradas ilustrativas ao pensamento do autor e das representações que o autor constrói acerca da educação, e uma terceira leitura, quando foi efetuada a transcrição dos recortes de texto a partir dos quais foram criados os grupos semânticos dos quais esses recortes passaram a fazer parte.

Com o intuito de conceder maior visibilidade aos grupos semânticos criados, foi construído o mapa¹ representacional a seguir.

Figura 1 – Mapa representacional



Fonte: Confeção dos autores a partir da interpretação dos dados coletados.

Ao centro do mapa temos seu título: “Educação para ‘O X da educação’”, e no entorno deste estão distribuídos os quatro tópicos – os subtítulos foram retirados do interior dos diversos artigos analisados – e cada um deles correspondente a um grupo semântico que equivale a um conjunto de recortes textuais que constroem um corpo de significados. Os vários corpos de significados compõem a representação, ou representações construídas pelos autores dos artigos e reportagem, sobre a questão educacional. Estes grupos foram criados como forma de sistematização do trabalho de análise e não pretendem esgotar o assunto.

Desta forma chegamos primeiramente a quatro grandes grupos semânticos: (1) à base da palmatória, (2) barco à deriva, (3) no meu tempo não era assim e (4) como formar uma marginal. Neste trabalho, discutiremos os dois primeiros grupos - (1) à base da palmatória, (2) como formar um marginal – em virtude do limite de tamanho deste artigo. Eles serão primeiramente esmiuçados cada grupo semântico em uma tabela e logo a seguir a esta tabela serão discutidos, demonstrando como nossa interpretação dos recortes reunidos. Os recortes que compõem os grupos semânticos serão lançados ao longo da discussão entre aspas, em negrito e em itálico, procurando ilustrar a narrativa dos autores.

3. Discussão dos Resultados

Há que se dizer que os artigos e reportagem analisados foram generosos e, muitos deles, ou sua maioria forneceu material que se enquadrou mais de uma das categorias elaboradas, e isto se deve ao fato de que todos eles partem de uma premissa: a educação tem problemas. A premissa, que aqui não está sendo contestada – se verdadeira ou se falsa não é este o objeto de análise – modula o olhar e enquadra o discurso. O problema, ou o X da educação, emerge no objeto de análise como algo que um dia esteve sob controle, e que em determinado momento fugiu a essa vigilância. Os quatorze textos e a reportagem se caracterizam muito mais pelo instinto de caça as bruxas do que de pela tentativa de postular uma análise daquilo o que sugere como problema.

Se a *“cada ano, os professores brasileiros perdem, em média, 35 dias inteiros de aula tentando controlar alunos bagunceiros”* como afirma a reportagem analisada, a vilã da história já começa a ser pintada em cores nítidas. O mote é a falta, a educação como permanente lugar da ausência (SILVA, 1996, p.72). E o lamento é em nome da disciplina: “Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. [...] Procedimento [...] para conhecer, dominar e utilizar” (FOUCAULT, 1987, p.123). Mas indisciplina é ainda consequência, é somente filha mimada de outra ausência: a de autoridade. E assim se professa pelas linhas de Zero Hora que o *“professor deve voltar a ser autoridade”*, que o *“medo de parecer reacionário não pode paralisar o professor”*. Há um desejo latente de converter aquilo que se considera como caos em ordem – a compulsão pela repetição, que decide quando, onde e como cada coisa deve ser feita, de modo que em qualquer circunstância semelhante não exista hesitação ou indecisão (BAUMAN, 1998, p.8).

Tabela 2 – À base da palmatória

RECORTE DE TEXTO	REFERÊNCIA
<i>“O medo de parecer reacionário não pode paralisar o professor.”</i>	O X da Educação 04/03/2009 12h55min. Punição: palavra politicamente incorreta? Denise Alves Schwochow, professora estadual.
<i>“O sistema educativo deve contribuir para formação de pessoas capazes de evoluir, de se adaptar a um mundo em rápida mutação e de ter domínio sobre essa mudança.”</i>	O X da Educação 04/03/2009 12h49min. Reinaugurando o papel do educador Cleonice Guerra, Professora do Ensino Fundamental e pedagoga multimeios.
<i>“Temos de retomar, urgentemente, algumas questões fundamentais: a sala de aula deve ser o reator da usina nuclear chamada escola; o professor deve voltar a ser autoridade prestigiada por todos e ter consciência de que se impõe novo jeito de dar aula;”</i>	O X da Educação 04/03/2009 10h48min. Do território aos tempos líquidos. Osvino Toillier, Presidente do Sinepe/RS.

“... [indisciplina de] coadjuvante nas salas de aula, onde <i>durante anos foi mantida sob controle à base da palmatória...</i> ”	O X da Educação 03/08/2009 14h22min. Raio-x do problema da falta de disciplina nas escolas brasileiras “Descontrole de alguns alunos tem efeitos negativos para professores e estudantes”.
“ <i>A cada ano, os professores brasileiros perdem, em média, 35 dias inteiros de aula tentando controlar alunos bagunceiros.</i> ”	O X da Educação 03/08/2009 14h22min. “Raio-x do problema da falta de disciplina nas escolas brasileiras: descontrole de alguns alunos tem efeitos negativos para professores e estudantes”.
“ <i>E a educação formal, especialmente a pública, enfrenta grandes e sérios problemas, sem solução a curto ou médio prazo.</i> ”	O X da Educação 04/03/2009 18h14min. O X da educação em três dimensões. Martim Saraiva Barboza, Professor, coordenador do Grupo de Educação Profissional da Agenda 2020.
“ <i>Não podemos voltar ao passado para refazer o caminho onde erramos, mas também não podemos descartar as experiências que deram certo.</i> ”	O X da Educação 04/03/2009 18h14min. O X da educação em três dimensões. Martim Saraiva Barboza, Professor, coordenador do Grupo de Educação Profissional da Agenda 2020.
Tenho visto escolas anunciarem um ensino de qualidade e “puxado”, onde as normas são claras e cobradas dos alunos, professores e pais. <i>E, depois de todas as experiências “democráticas”, os responsáveis entendem que há regras que precisam ser seguidas</i> e produtividade que precisa ser cobrada para que se desenvolvam padrões de aprendizado.	O X da Educação 04/03/2009 18h14min. O X da educação em três dimensões. Martim Saraiva Barboza, Professor, coordenador do Grupo de Educação Profissional da Agenda 2020.
“... os mais ágeis insurgiram-se contra os desmandos e partiram firme e decididamente para o <i>restabelecimento da autoridade.</i> ”	O X da Educação 08/04/2009 09h46min. Artigo: Escola não é redoma. Por Osmino Toillier, presidente do Sinepe/RS.
“ <i>Valores éticos e morais determinam nossas atitudes e estas garantem que conhecimentos e habilidade serão usados para solucionar problemas e não para criá-los.</i> ”	O X da Educação 04/03/2009 18h14min. O X da educação em três dimensões Martim Saraiva Barboza, Professor, coordenador do Grupo de Educação Profissional da Agenda 2020.

Fonte: Confeção dos autores a partir de nossa interpretação dos dados coletados.

Perpassa pelos textos a pretensão de que algo, algum um dia foi mantido “*sob controle à base da palmatória*” (vide tabela 1 acima) dentro das salas de aula, de que a ordem sonhada um dia foi concreta, que a solidez desta ordem desmanchou-se no ar, e que a solução do problema constado não passa de uma mera retomada: “*os mais ágeis insurgiram-se contra os desmandos e partiram firme e decididamente para o restabelecimento da autoridade*”. A conversa afinada que os articulistas – vários deles professores do ensino básico e superior – Zero Hora e seus leitores desenrolam traz entranhada a concepção de que o “*ensino de qualidade*” só pode se desenvolver “*onde as normas são claras e cobradas dos alunos, professores e pais*”.

Nesse monólogo disfarçado de diálogo entre o texto e seu leitor não sobra espaço à discussão e a interrogação – como já referido acima “*valores éticos e morais [...] garantem que conhecimentos e habilidade serão usados para solucionar problemas e não para criá-los*” – a escola como o lugar da disciplina por excelência. Tal qual o ambiente fabril onde “procura-se [...] garantir a qualidade do tempo empregado: controle ininterrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo o que possa perturbar e distrair; trata-se de constituir um tempo integralmente útil” (FOUCAULT, 1987, p.128), a “fábrica sincronizada requer uma cidade sincronizada” (DE MASI, 2000, p.57): e ambas dependem de uma escola portadora do mesmo atributo. O delírio de que quando todas as coisas estiverem devidamente classificadas, separadas, identificadas e no seu devido lugar, a ordem do mundo social poderá então funcionar (MAFFESOLI, 2005, p.99). A disciplina como ato de “violência epistemológica” (BHABHA, 1998, p.73) marcando a docilidade do corpo do outro: a disciplina militarizada que “de uma massa informe, de um corpo inapto, [...] [faz] a máquina [de] que [...] precisa” (FOUCAULT, 1987, p.117). Violência verticalizada: o “educador é o que

educa; os educandos são educados; [...] o educador é o que pensa; os educandos os pensados; [...] o educador [...] é o sujeito do processo; os educandos meros objetos” (FREYRE apud ROSSATO, 2008, p.146)².

Tabela 3 – Como formar um marginal

RECORTE DE TEXTO	REFERÊNCIA
<p>“... os alunos (futuros juízes, futuros médicos, futuros professores...) não têm a mínima noção do que estão fazendo ali, mas porque uma instituição de ensino que permite que isso aconteça está mais perdida ainda do que os alunos.”</p>	<p>O X da Educação 03/03/2009 16h37min. Quadro-negro Claudia Laitano.</p>
<p>“... a indisciplina virou centro das atenções nas escolas brasileiras.”</p>	<p>O X da Educação 03/08/2009 14h22min. Raio-x do problema da falta de disciplina nas escolas brasileiras “Descontrole de alguns alunos tem efeitos negativos para professores e estudantes”</p>
<p>“Assim como as cidades sofrem com as enxurradas porque tiramos das metrópoles a permeabilidade do solo com a urbanização acelerada, endurecemos o raciocínio trocando as bibliotecas e os livros pelos eletrônicos. Neurônios dormentes tiram a capacidade do nosso cérebro de absorver o conhecimento que querem nos transmitir pais, professores e tantos outros educadores, quando não sabemos dosar a quantidade de tecnologia que podemos consumir diariamente, sem prejudicar a saúde e a educação do nosso corpo e da nossa mente.”</p>	<p>O X da Educação 03/03/2009 17h54min. O Xérebro AROLDO MEDINA, Major da Brigada Militar.</p>
<p>“Onde deu errado? Já foi dito: a família foi colocada em xeque, mesmo que não se tenha encontrado nenhuma estrutura alternativa em condições de suprir as carências dos primeiros anos. A mãe, como referência em educação, precisou sair para o trabalho, complementando a renda familiar; enquanto a autoridade do pai passou a ser questionada, nas coisas mais simples, como uma palmada, que pode ser pedagógica, na maior parte das vezes doendo mais em quem dá do que em quem recebe.”</p>	<p>O X da Educação 04/03/2009 18h29min. Educação: as marcas da vida Manoel Jesus, Professor de Comunicação da UCPel.</p>
<p>“O primeiro passo para recuperar o respeito da gurizada em sala de aula e garantir o bom comportamento...”</p>	<p>O X da Educação 03/08/2009 14h22min. Raio-x do problema da falta de disciplina nas escolas brasileiras “Descontrole de alguns alunos tem efeitos negativos para professores e estudantes”</p>
<p>“E, à luz de interpretação equivocada do Estatuto da Criança e do Adolescente, aí, sim, se agravou o quadro.”</p>	<p>O X da Educação 08/04/2009 09h46min. Artigo: Escola não é redoma. Por Osvino Toillier, presidente do Sinepe/RS.</p>
<p>“... e a piazada começou a se apresentar com a prerrogativa máxima: “O cliente sempre tem razão”.</p>	<p>O X da Educação 08/04/2009 09h46min. Artigo: Escola não é redoma. Por Osvino Toillier, presidente do Sinepe/RS.</p>
<p>“Perdem a noção do juízo moral. Para eles, a palavra limite inexistente. Estão acima do bem e do mal.”</p>	<p>O X da Educação 31/03/2009 08h20min Artigo: Como formar um marginal? Exemplo extraído da ficção ajuda a refletir sobre a vida real. Por Carlos Alberto Barcellos, professor.</p>
<p>“... reflexo do comportamento social brasileiro, que faz com que o educador, em vez de orientador de aprendizagem, utilize seu tempo solicitando, repetidamente, que os alunos sentem, não joguem papel no chão, não batam no colega, não saiam da sala sem pedir licença, desliguem o celular, parem de conversar e perturbar a aula e não destruam os bens públicos ou dos colegas etc. Desgaste e tempo perdidos. Sem falar que álcool e outras drogas estão na sala de aula.”</p>	<p>O X da Educação 04/03/2009 18h14min. O X da educação em três dimensões. Martim Saraiva Barboza, Professor, coordenador do Grupo de Educação Profissional da Agenda 2020.</p>
<p>“... diz respeito ao professor. Fragilidade dos cursos que os formam, carreiras mal estruturadas, mal avaliadas e mal remuneradas. E as consequências levando a um beco sem saída. A desvalorização da profissão afastando os melhores. Quem incentiva seus filhos a serem</p>	<p>O X da Educação 04/03/2009 18h14min. O X da educação em três dimensões. Martim Saraiva Barboza, Professor, coordenador do Grupo de Educação Profissional da Agenda 2020.</p>

professores? Nem mesmo eles.”	O X da Educação 04/03/2009 18h14min. O X da educação em três dimensões. Martim Saraiva Barboza, Professor, coordenador do Grupo de Educação Profissional da Agenda 2020.
“Como serão os futuros educadores em sua base cultural, conhecimentos e visão de mundo, se oriundos de famílias de poucas oportunidades e formados por uma escola de baixa qualidade do ensino fundamental ao superior? Não justifica, mas isso talvez explique o corporativismo e a visão estreita e radical das lideranças sindicais.”	O X da Educação 04/03/2009 12h55min. Punição: palavra politicamente incorreta? Denise Alves Schwochow, professora estadual.
“A crise de autoridade se manifesta nas famílias, nas escolas, na política. A escalada da delinquência, da violência, da corrupção corrói a sociedade atual.”	O X da Educação 03/03/2009 17h54min. O Xérebro. AROLD MEDINA, Major da Brigada Militar.
“O aluno foge da matemática porque ela exige raciocínio, num cérebro entorpecido pelo fenômeno da globalização. Pensar nos dias de hoje dá sono na maioria das pessoas.”	O X da Educação 03/03/2009 17h54min. O Xérebro. AROLD MEDINA, Major da Brigada Militar.
“Depois de ler a reportagem, saí a indagar dos jovens à minha volta quantos livros haviam lido num ano. A variação foi de zero a 12 livros. Prossegui a pesquisa de hábitos diários e constatei que o cérebro de gerações inteiras está impregnado de eletrônicos. Sem exercício, nosso cérebro está asfaltado. Estaciona. Vira "Xérebro".	

Fonte: Confeção dos autores a partir de nossa interpretação dos dados coletados.

A violência do discurso disciplinar impresso em ZH se sustenta sobre a deslegitimação, a desqualificação de um outro (vide tabela 3 acima). O outro é justamente aquele que tem de ser disciplinado: aqueles que já são ditos na terceira pessoa do plural, para que fiquem o mais distantes possível de um “nós” em nome do qual o discurso em questão se outorga o direito e dever de falar. E esse “eles” são “os aqueles”, os que *“perdem a noção do juízo moral. Para eles, a palavra limite inexistente. Estão acima do bem e do mal”*. É um outro que *aparece* inqualificado no coletivo *“gurizada”* ou *“piaçada”*³.

A este segundo grupo semântico não poderia ser mais apropriado o empréstimo do título de um dos artigos: *“Como formar um marginal?”*. Todos os impropérios escritos e lidos pelos textos sustentam ou tentam sustentar um discurso de assimilação: apesar da busca por um distanciamento daquilo que causa repulsa por se colocar demasiadamente próximo, o discurso escancara seus desejos de intimidades com aquela conhecida “estratégia da assimilação: tornar a diferença semelhante; abafar as distinções [...]; [...] proibir [...] lealdades, exceto as destinadas a alimentar a conformidade com a ordem” (BAUMAN, 1998, p.29). Ele não é um discurso de segregação, embora se valha de tal mecanismo: quando o processo de inquisição é aberto o que não faltam são dedos apontados para todos os lados indicando culpados e mais culpados. A categoria de culpados escancara suas portas a acolhe quase tudo: dentro da categoria “outro” são colocadas a escola, a família, os professores, o comportamento social brasileiro.

Está lá: *“a crise de autoridade se manifesta nas famílias, nas escolas, na política. A escalada da delinquência, da violência, da corrupção corrói a sociedade atual”*. Se *“a indisciplina virou centro das atenções nas escolas brasileiras”* é por que *“uma instituição de ensino que permite que isso aconteça está mais perdida ainda do que os alunos”*, é por que a *“mãe, como referência em educação, precisou sair para o trabalho [...]; enquanto a autoridade do pai passou a ser questionada, nas coisas mais simples, como uma palmada, que pode ser pedagógica [...]*”. A culpa é da *“interpretação equivocada do Estatuto da Criança e do Adolescente”*, é o *“reflexo do comportamento social brasileiro”*. É o magistério e a *“desvalorização da profissão afastando os melhores”*, por que *“quem incentiva seus filhos a serem professores? Nem mesmo eles.”* E se os pintores só sabem retratar um quadro caótico para o presente, não haveriam de saber prever coisa melhor para o por vir: *“como serão os futuros educadores em sua base cultural, conhecimentos e visão de mundo, se oriundos de famílias de poucas oportunidades e formados por uma escola de baixa qualidade do ensino fundamental”*.

A tarefa de tornar o outro cada vez mais estranho pela obra do discurso partilhado por leitores e ZH, é primeira parte da tarefa de assimilação: torná-lo estranho é impedi-lo de dizer-se, de traduzir-se

autonomamente. Este outro perde o poder de dizer-se, ele é dito. E ele é dito como aquele que *“foge da matemática porque ela exige raciocínio [...] num cérebro entorpecido pelo fenômeno da globalização”*. É tido como aquele que endureceu *“o raciocínio trocando as bibliotecas e os livros pelos eletrônicos”*. E esse outro é aquele que “perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico [...] [e é sempre reduzido a um] bom objeto de conhecimento, o dócil corpo da diferença” (BHABHA, 1998,p.59). É o “nós” que nomeia, denomina e domina o “ele” – ou assim pretende. O “eles” são aqueles que têm *“os neurônios dementes”*. O “eles” sofre na carne toda a violência do processo classificatório: “classificar significa separar, segregar” (BAUMAN, 1999, p.9). A classificação é um processo de confinamento dentro da linguagem, ela exige a “construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um *Outro* e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2003, p.33). Classificado, coisificado, dentro da linguagem que partilham articulistas e leitores de ZH, o outro está pronto para expiar o maior de todos os pecados da educação: qual seja, a incompetência em amansar, disciplinar, docilizar este outro, em torná-lo uma massa indistinta daquilo o que a ordem vigente permite. Enfim, fica subentendida a maior das falhas da educação no Rio Grande do Sul: sua incapacidade para a assimilação.

Eis sobre o que se grafa em vermelho o “X”: é sobre a falta de vocação dessa escola em engolir a diferença e vomitá-la como mais do mesmo daquilo que se considera a ordem desejada. Não que a escola não persista nessa atividade de violentar o diferente: ainda insiste em grande escala nesse erro e se repete nos mesmos fracassos. É o insucesso dessa escola para realizar a conversão do outro – daquele que é referido em terceira pessoa – em mais do “nós”, que atordoia articulistas e leitores. O “X” vermelho é a censura daquilo que a escola é, em nome daquilo que se pretende que ela seja. É o “X” da censura à diferença. O “X” que deslegitima o outro. O “X” da questão em Zero Hora, é a violência discreta de um cala-boca silencioso, o “X” emitido com o dedo indicador em riste frente aos lábios: que sem sucesso, quer fazer com que o outro, o “eles”, engula sua palavra.

4. Referências

- BAUMAN, Z. *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e Ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 386p.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 10.ed. Tradução de Epheraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. 351 p.
- DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 350 p.
- DE MASI, D. *O ócio criativo/ Domenico De Mais; entrevista a Maria serena Palieri; tradução de Léa Manzi*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. 319 p.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29. ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GHIGGI, G. *Disciplinai*. In: Dicionário Paulo Freire. Streck D., Redin E., Zikoski J. (orgs). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p.140-141.
- GUARESCHI, P. *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HALL, S. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 434 p.

- MAFFESOLI, M. *A transfiguração político: a tribalização do mundo*. 3.ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005a. 230p.
- ORLANDI, Ei. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6.ed. Campinas: Pontes, 2005. 100 p.
- ROSSATO, R. *Domesticação*. In: Dicionário Paulo Freire. Streck D., Redin E., Zikoski J. (orgs). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p.146-147.
- SILVA, J. *Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasileira*. Porto Alegre: Sulina, 1996. 304.

¹ O mapa representacional exposto a seguir teve sua construção baseada no mapa do texto “Patológico, cinzento e perdido”: a representação social do PT segundo Mendelski (Guareschi, 2000, p.177).

² Disciplina é palavra de dois gumes. É difícil falar em educação sem referi-la. Mas pode-se tomar a palavra para que ela encaminhe a discussão por outro rumo. Do verbete “disciplina” do Dicionário Paulo Freyre: “disciplina, para Freyre, é indispensável enquanto suporte da ideia de construção e manutenção da democracia: disciplina na leitura, no ato de ensinar, e aprender [...]” (GHIGGI, 2008, p.141). O autor do mesmo verbete cita Paulo Freyre: “estudar é um que-fazer exigente em cujo processo se dá uma sucessão de dor, de prazer, de sensação de vitórias, de derrotas, de dúvidas e de alegrias. Mas estudar, por isso mesmo, implica a formação de uma disciplina rigorosa que forjamos em nós mesmos, em nosso corpo consciente”. (FREYRE apud GHIGGI, 2008, p.141) Aqui a disciplina se exerce em um corpo consciente sobre si próprio, não mais de um corpo consciente sobre um corpo dócil.

³ Os termos “guri” e “piá” não são por si só desqualificantes. Pelo contrário, também denotam carinho, intimidade, tanto quanto podem ser ofensivos. O problema reside no fato de que é de longa data que foram abolidas as “tias” da educação, por que tal denominação eliminava a distinção entre a casa – o espaço privado – e a rua – o espaço público. No caso da “piazada” e da “gurizada”, a questão tal qual a da “tia”, também vai muito além da retórica. A intimidade acaba por maquiagem e esconder por de trás de si uma hierarquização, “um instrumento desviado e certamente pervertido para restabelecer a hierarquia” (DAMATTA, 1997, p. 164).